

**NOS BASTIDORES DE
UMA ESCOLA PÚBLICA**
**tecendo vozes dos atores...
revelando cenas,
produzindo olhares**

Adair Mendes Nacarato
Regina Célia Grando
Vivian Batista da Silva
(organizadoras)

**NOS BASTIDORES DE
UMA ESCOLA PÚBLICA
tecendo vozes dos atores...
revelando cenas,
produzindo olhares**



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Nos bastidores de uma escola pública : tecendo vozes dos atores...
revelando cenas, produzindo olhares / Adair Mendes Nacarato, Regina
Célia Grando, Vivian Batista da Silva, (organizadoras). – Campinas, SP :
Mercado de Letras, 2012.

Apóio Institucional: Fapesp
Vários autores.
ISBN 978-85-7591-223-2

1. Comunidade e escola 2. Cotidiano escolar 3. Educação 4. Escolas
públicas - Itatiba (SP) 5. Periferias urbanas 6. Pesquisa educacional
7. Sociologia educacional I. Nacarato, Adair Mendes. II. Grando,
Regina Célia. III. Silva, Vivian Batista de.

12-06720

CDD-371.001

Índices para catálogo sistemático:

1. Escolas públicas : Cultura escolar : Educação 371.001

*capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide
preparação dos originais: Editora Mercado de Letras*

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS EDIÇÕES E LIVRARIA LTDA.

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1^a edição

junho/2012

IMPRESSÃO DIGITAL

- IMPRESSO NO BRASIL -

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.

É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

SUMÁRIO

Representações de uma investigação
sobre a cultura escolar 7
Arthur B. Powell

A parceria universidade-escola: a apresentação
de um projeto compartilhado, tecido a várias
mãos e vozes 13
*Adair Mendes Nacarato; Regina Célia Grando;
Vivian Batista da Silva*

O cenário... abrindo as cortinas

Adentrando no cotidiano escolar da escola Eliete . . . 29
Adair Mendes Nacarato

A produção escrita e sistemática: as professoras
como protagonistas da pesquisa 73
Regina Célia Grando

As atrizes em cena e a produção de sentidos para o cotidiano escolar

A relação aluno-aluno e professor-aluno no cotidiano escolar, sob a ótica da gestão 93
Neide Angelon

Visão dos professores sobre a relação família/aluno no ambiente escolar 135
Luceni de Lima Almeida

Brinquedos e brincadeiras...
descobertas e desafios 173
Flavia Stocco; Juliana Gava

Os adolescentes e a escola: como percebem a comunidade em que vivem 205
Soraya Aparecida de Menezes Bezana

O protagonismo juvenil: a formação do jovem cidadão 243
Luciana Pires de Camargo

O olhar das mães dos alunos da escola Eliete para a comunidade escolar 277
Juceli de Brito Almeida

Fechando as cortinas... produzindo olhares

Experiências, interpretações, compreensões e, quem sabe, reinvenções: notas sobre os sentidos dos textos das professoras 317
Vivian Batista da Silva

REPRESENTAÇÕES DE UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE A CULTURA ESCOLAR

Arthur B. Powell

Este livro apresenta a produção coletiva de sete professoras escolares, que se tornaram professoras-pesquisadoras, e três pesquisadoras universitárias que se dispõem a interrogar a realidade de uma escola em Itatiba, São Paulo. O livro é fruto do Projeto USF/Eliete/Fapesp. O tema mais evidente deste livro aborda a infância e a juventude dentro da cultura escolar. Porém, o livro é algo muito mais amplo. O mero fato de relatar a colaboração entre professoras e pesquisadoras já mostra a qualidade única deste trabalho, principalmente em termos dos acontecimentos aqui nos Estados Unidos da América. Aqui – e em muitas outras partes do mundo – há uma hierarquia acadêmica que coloca professores escolares num nível inferior em relação aos professores que vêm das universidades. No entanto, no trabalho relatado

neste livro, vemos que, ao longo do projeto, não só os conhecimentos foram trocados entre professoras escolares e universitárias, mas também o questionamento da realidade da escola se desenvolveu de forma colaborativa.

A escola onde as professoras atuam – EMEB Prof^a. Eliete Aparecida Sanfins Fusussi ou, simplesmente, Escola Eliete – fica num bairro economicamente carente. Tive o prazer de visitá-la e ali passar umas horas, conversando com grupos de alunos e trabalhando com as professoras. Nas conversas com os alunos, uma coisa ressaltou: o orgulho que eles têm da escola, que é um testemunho positivo da cultura escolar construída diariamente por eles, junto com professores, diretores e outros funcionários da escola.

Vou focar meu comentário sobre os seis capítulos escritos pelas professoras-pesquisadoras e, no final, sobre os três capítulos das pesquisadoras universitárias.

No seu capítulo, Flavia Stocco e Juliana Gava destacam o papel dos brinquedos e das brincadeiras na infância dos participantes do grupo; com base nisso, relatam um trabalho em que resgataram as brincadeiras e os jogos infantis da cultura local, o que possibilitou ações e comportamentos diferenciados por parte dos alunos: seu desempenho e suas atitudes melhoraram e, para as professoras-pesquisadoras, (re)significaram a importância da brincadeira e do jogo no ambiente escolar.

Juceli de Brito Almeida relata e analisa os depoimentos de um grupo de mães que ajudou a equipe de pesquisadoras a compreender as representações que elas possuem da comunidade escolar. Pela análise dos depoimentos, nós, leitores, percebemos que as mães veem a escola como um lugar que retira os filhos da ociosidade e dos perigos das ruas do bairro onde residem. Com isso, elas olham a escola como

um espaço que mais zela pelos filhos do que educa academicamente. Isso reflete uma preocupação maior das mães com o bem-estar dos filhos por causa da difícil condição cotidiana. A escola representa uma proteção para os filhos contra as ameaças oferecidas pela situação do bairro. Tratando da família, em outro capítulo, Luceni de Lima Almeida atenta para a visão que os professores têm da relação dos alunos e de suas famílias com a escola. O tema ilumina e foca claramente o cotidiano escolar das relações, mexe com a visão profissional e os sentimentos dos professores e os mistura. Os dados construídos mostram que “o maior incômodo dos professores é a indisciplina”, que impede a realização das metas do ensino e da aprendizagem. Como nos EUA, a indisciplina tem a sua raiz na desigualdade social que torna muitos atores, nas escolas dos bairros economicamente carentes, pouco esperançosos em um futuro socialmente mais justo. O que é marcante na Escola Eliete é que os professores não detêm a frustração, mas propõem soluções como as que a Luceni de Lima Almeida resume no final do capítulo.

O ato de enfrentar a indisciplina e alcançar o desejo humano dos alunos de aprender é também representado na pesquisa de Luciana Pires de Camargo, cujo protagonista, no relatório, é a juventude. Essa professora-pesquisadora apresenta na sua pesquisa um grupo de 21 jovens, de 15 a 16 anos, da Escola Eliete, que junto com ela desenvolveram um programa de prática de esporte após o período regular de aulas. O programa – o Programa Rexona Ades Esporte Cidadão – tinha os seus *momentos*, mas, como a professora-pesquisadora nos descreve, a conquista tem tudo a ver com o processo e a sequência do desenvolvimento do grupo de jovens:

os jovens se mostraram proativos, com o aumento gradativo da autonomia que lhes foi proporcionada nas aulas, nas reuniões e nos eventos. As argumentações com os professores, o auxílio nas resoluções de situações-problema, os questionamentos em aula e o monitoramento das atividades do Programa foram melhorando dia a dia e a cada ação ficava explícita a evolução de cada um. (p. 273)

Podemos ver o programa como se fosse um trem feito pelos jovens e pela professora-pesquisadora, para *sequestrar* os jovens e livrá-los da marginalidade. Eles se tornaram protagonistas, fazendo suas próprias trilhas de cidadania.

Essa cidadania é construída diariamente pelas relações entre alunos e professores. O olhar desses atores sobre o cotidiano da escola, que eles constroem, foi o alvo da investigação de Neide Angelon, que exercia a função de vice-diretora da Escola Eliete. Assim como os alunos e os professores, ela também interroga suas próprias percepções das relações no cotidiano escolar. No final, essa professora-pesquisadora revelou depoimentos que indicam as tensões, os conflitos e as ambiguidades do cotidiano da Escola Eliete, uma escola pública de periferia.

Finalmente, sendo uma escola de periferia, é importante conhecer como os adolescentes da escola percebem a comunidade onde vivem. Soraya Aparecida de Menezes Bezana fez uma investigação sobre as percepções de um grupo inicial de 30 alunos. A realidade de violência no bairro deles foi uma razão pela qual 10 alunos do grupo inicial desistiram. Mas isso não é a única coisa que a investigação revela. Os leitores vão se interessar em saber dos conhecimentos dos adolescentes e de como a investigação abriu espaço para

discussões sobre questões relevantes para a percepção da comunidade em torno da Escola Eliete.

As três investigadoras universitárias, Adair Mendes Nacarato, Regina Célia Grando e Vivian Batista da Silva, que conduziram o projeto, também têm seus capítulos neste volume. Como ocorre em qualquer pesquisa qualitativa, elas enfrentaram desafios previstos e não previstos, mas as teorias que trazem e suas reflexões mostram as possibilidades de um trabalho coletivo com professoras que querem interrogar o espaço onde atuam. O que é significativo da colaboração entre essas professoras universitárias e as professoras escolares é o processo de criar objetivos de pesquisa e registrar os seus resultados. Os seis capítulos das professoras-pesquisadoras deste livro trazem ricas trocas de conhecimento. As trocas que existem neste livro exigem colaboração sustentada entre os investigadores universitários e as professoras-pesquisadoras, que, desenvolvendo suas metodologias de pesquisa, reconhecem a necessidade da interligação do teórico com o prático. Isso é preciso para fazer conexões – entre o micro da sala de aula e da escola e o macro social – relativas ao todo que influencia os atores das escolas.

Em resumo, este livro é sem igual: ele contém representações diferenciadas de uma investigação sobre a cultura escolar. Como uma das professoras-pesquisadoras destacou neste volume, as políticas públicas não só silenciam os alunos, mas, historicamente, também silenciam os professores e os relegam a um plano secundário (Veja o capítulo de Neide Angelon). A profundidade deste livro está em que as professoras não só assumem uma posição profissional de pesquisadoras, mas também expõem e fundamentam suas (próprias) ideias e os resultados das suas investigações.

Recomendo que este livro seja lido por todos que querem entender o cotidiano escolar e transformá-lo numa ferramenta para que nossos alunos possam realizar suas potencialidades e esperanças.

A PARCERIA UNIVERSIDADE-ESCOLA: A APRESENTAÇÃO DE UM PROJETO COMPARTILHADO, TECIDO A VÁRIAS MÃOS E VOZES

*Adair Mendes Nacarato
Regina Célia Grando
Vivian Batista da Silva*

A descoberta de caminhos fecundos que permitam a produção de mudanças qualitativas e pertinentes nas escolas supõe a possibilidade de fazer dos professores produtores de inovações, articulando, no seu exercício profissional, a produção de mudanças com as dimensões da pesquisa e da formação. A produção de inovações, em cada estabelecimento de ensino, assume, portanto, a forma de um empreendimento de aprendizagem coletiva. (Rui Canário 2006)

No diálogo com Rui Canário, podemos dizer que é possível articular pesquisa e formação num trabalho coletivo

na escola. Este foi o desafio que nos propusemos, ao iniciar uma pesquisa em parceria com uma escola de educação básica. Assim, este livro é fruto de um trabalho de quatro anos, desenvolvido numa parceria entre o Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade São Francisco e uma escola pública municipal da cidade de Itatiba/SP, dentro da linha de fomento da Fapesp denominada “Programa de Melhoria do Ensino Público”. Esse Programa financia pesquisas que visam contribuir para a melhoria do ensino público no estado de São Paulo e que são desenvolvidas em parceria com escolas de educação básica. Os professores da escola pública recebem uma bolsa de auxílio à pesquisa para atuarem nesse projeto.

A pesquisa foi desenvolvida no período de julho de 2005 a fevereiro de 2009 na EMEB Prof^a. Eliete Aparecida Sanfins Fusussi, totalizando três anos de efetivo trabalho em parceria com os professores.

O projeto centrou-se em dois focos:

1. A escola como *locus* privilegiado para a formação continuada, esta concebida como espaço de reflexão coletiva e crítica sobre as práticas, promovendo a transformação dos professores e da instituição escolar. Esses espaços de reflexão podem ser potencializados com a parceria da universidade. Os pesquisadores acadêmicos têm a possibilidade de aproximar-se da realidade das escolas públicas e de suas culturas e compartilhar saberes e práticas com os professores; estes, por sua vez, podem, com o auxílio dos pesquisadores, tornar-se consumidores críticos das pesquisas produzidas academicamente e buscar ressignifi-

cações de suas práticas, analisando a si próprios como profissionais e tornando-se pesquisadores em suas salas de aula. Os saberes produzidos nessas parcerias contribuem para aprendizagens recíprocas. Reconhece-se, assim, a necessidade de compreender as dinâmicas presentes no cotidiano da escola para o desenvolvimento de um processo de formação continuada que, como qualquer outro, vem sofrendo reconceitualizações diante das novas exigências do mundo contemporâneo, o que implica a transformação da escola.

2. As representações de infância e juventude presentes entre os professores e o modo como tais representações se expressam e constituem a cultura escolar. Partiu-se do pressuposto de que as representações que os professores fazem a respeito de seus alunos são decisivas para a compreensão do significado que atribuem ao seu trabalho. O conceito de representação foi apropriado de Roger Chartier (1990), ou seja, as representações estão ligadas às identidades que um grupo constitui de si e do outro e às práticas, possibilitando a constituição da identidade social como uma maneira de estar no mundo.

As representações instituem práticas pelas quais essa identidade se faz comunicar. As representações – que o próprio Chartier afirma serem socialmente produzidas – fazem a mediação entre o sujeito e o mundo. Especificamente em relação à infância e à juventude, é preciso considerar um longo processo histórico que explica parte significativa das imagens com as quais ainda hoje operamos. Chartier afirma que as estruturas do mundo social não são dotadas de

exterioridade absoluta; antes, são construídas historicamente por práticas sociais, políticas e discursivas. Afirma, ainda, que as representações do mundo social estão sempre relacionadas aos interesses dos grupos que as geram e divulgam. Em outras palavras, não são mero reflexo da realidade; são práticas.

Dessa forma, partindo dos pressupostos da escola como *locus* privilegiado de formação e da necessidade de desvelar os processos simbólicos presentes na cultura escolar para a compreensão, a reflexão e a intervenção na prática docente, a pesquisa buscou investigar as representações de infância e juventude existentes entre os professores e a forma como tais representações se expressam e constituem a cultura escolar.

Por tratar-se de um projeto de parceria, os contatos com a escola iniciaram-se desde a fase de elaboração do projeto a ser enviado a Fapesp. Houve, desde o início, o desejo da direção da escola de que o projeto abrangesse a coletividade da escola. Assim, todos os professores foram consultados sobre a disponibilidade para participação.

No primeiro ano da pesquisa – julho de 2005 a junho de 2006 –, a equipe escolar foi composta de 20 professores, a diretora, a vice-diretora e a coordenadora; a equipe da universidade contou com seis professores.

O projeto era previsto para um ano de pesquisa. Concluído esse ano, a pesquisa e o pagamento de bolsas aos professores teriam continuidade, desde que os relatórios fossem aprovados pela Fapesp. A equipe optou por aguardar esse parecer, uma vez que entendemos que o pagamento da bolsa-pesquisa aos professores da escola é uma das condições principais para que o professor se sinta também um parceiro na pesquisa. Como o parecer demorou, houve interrupção nos trabalhos em 2006, só retornando no início de

2007. Nesse ano de 2007, a equipe da escola contou com 14 professores e a equipe da universidade, com 5 professores. Ao término desse segundo ano da pesquisa, a equipe (professores da escola e da Universidade) optou por não interromper o trabalho, avaliando que a interrupção anterior teria prejudicado de alguma forma a continuidade, a mobilização à participação etc. Optou-se pelo pagamento das bolsas retroativamente, quando o relatório fosse aprovado. Para esse terceiro ano, a equipe escolar contou com 7 professoras, e a equipe da universidade, com 3.

A maior dificuldade por nós encontrada foi com relação à alta rotatividade de professores na rede municipal de Itatiba. Do primeiro para o segundo ano da pesquisa, houve mudança de quase todo o quadro docente da escola; com isso, o projeto teve que recomeçar com uma maioria de professores novos, que não tinham participado no ano anterior. Considerando essas dificuldades, a equipe decidiu que, para o terceiro ano da pesquisa, só permaneceriam os professores que tivessem participado dos anos anteriores. Dessa forma, a equipe ficou reduzida, o que foi bastante favorável, pois conseguimos aumentar o valor da bolsa de auxílio à pesquisa para cada componente do grupo. Isso possibilitou um trabalho mais intensivo das sete professoras que permaneceram – e que são as colaboradoras no presente livro.

Nos dois primeiros anos do projeto, nosso trabalho centrou-se em ações que possibilitassem discussões e reflexões sobre as práticas de sala de aula e as representações de infância e juventude explicitadas pelos professores. Para isso, desenvolvemos os seguintes eixos de ações:

- Escritas memorialísticas. Organizamos uma seleção de textos que pudessem favorecer discussões com

vistas à produção de textos memorialísticos dos próprios professores. Acreditávamos que essa dinâmica, de um lado, seria potencializadora de manifestações dos professores sobre suas representações de infância e de juventude; de outro, iria favorecer a explicitação das representações que eles têm sobre seus alunos atuais. Houve a preocupação de trabalhar com as diferentes linguagens: textos literários, poemas, músicas e narrativas. A cada encontro, em cada grupo, os professores discutiam os textos apresentados e recordavam momentos da infância e da juventude, aliados ou não à vida escolar. Tais lembranças, ao serem compartilhadas com os colegas, desencadeavam lembranças comuns ao grupo, uma vez que a maioria dos professores pertence à cidade de Itatiba – cidade pequena do interior do estado de São Paulo – e, portanto, frequentaram as mesmas escolas; tiveram professores comuns; participavam dos mesmos eventos etc. Os professores também trouxeram para os encontros fotos de sua época de criança e da escola, cadernos dos primeiros anos de escola e boletins (seus e de familiares). Ao final, os professores produziram suas memórias de infância e juventude, suas memórias escolares e uma narrativa sobre o professor inesquecível.¹

- Utilização de imagens fotográficas. Esse foi outro caminho percorrido com vistas à identificação e à análise das representações de infância e juventude presentes na cultura escolar. Após as discussões

1. Esse trabalho gerou duas publicações pelos pesquisadores do grupo: Nacarato, Fernandes, Salvadori, Grando e Silva 2008, pp. 175-184; Salvadori 2007, pp. 167-181.

teóricas, a partir de uma bibliografia sobre o uso de imagens, os professores fotografaram cenas do cotidiano escolar. Essas fotos foram legendadas e a escolha foi feita pelos grupos. O mesmo trabalho os professores realizaram com seus alunos. Todo o material produzido foi analisado e discutido nos grupos.

- Seleção de filmes com imagens de escola. Os professores, em duplas ou trios, selecionaram um filme – escolha espontânea – que abordasse contextos escolares. A tarefa consistia em assistir ao filme, selecionar um trecho a ser apresentado ao grupo e produzir uma análise por escrito, a partir de um roteiro: dados técnicos (título, diretor, ano, país e atores); sinopse do filme; a forma como é feita a caracterização de: escola, professores, alunos, diretor, pais de alunos, questões curriculares e relação da escola com a comunidade. Esse trabalho foi bastante envolvente e, em vários momentos, estabeleceu-se uma relação entre as imagens professorais, o contexto escolar e as atitudes dos alunos, presentes nos filmes selecionados, e o cotidiano escolar da escola Eliete.¹
- Realização de projetos individuais em sala de aula. Nos dois primeiros anos deste trabalho, os professores, individualmente ou em duplas, realizaram projetos de intervenção em sala de aula, cujos registros eram apresentados e analisados no grupo. Foram trabalhos que envolviam temas relacionados à infância ou à adolescência.

1. Essa atividade gerou a publicação: Fernandes, Salvadori, Silva 2009, pp. 165-184.

- Assistência e análise de documentários e filmes. Os documentários trabalhados foram: *Nós que aqui estamos, por vós esperamos*, de Marcelo Masagão (1999); *Aulas a toda prova*, documentário da GNT; *Baraka*, Magidson films (2001). O filme foi *Paisagem na neblina* (*Topio stin omijli*, Grécia, 1988), de Théo Anelopoulos.
- Estudos sobre a sociedade contemporânea e a escola na modernidade. Realizamos uma série de estudos e debates a partir de textos que discutem: a escola na modernidade e na contemporaneidade; a globalização; o cerceamento simbólico da escola; a diversidade na sala de aula; o fracasso escolar; os desafios para o professor no atual contexto; o desvelo na sala de aula, dentre outros.
- Análise do material didático-pedagógico utilizado pelos professores. Analisamos os materiais utilizados pelos professores, principalmente os livros didáticos, identificando as representações de infância, família, escola e adolescência presentes nos textos e nas imagens por eles veiculadas.

Esse trabalho foi fundamental para que, no terceiro ano do projeto, pudéssemos debruçar-nos sobre estudos mais aprofundados do cotidiano escolar. Como a equipe escolar envolvida no projeto ficou mais reduzida, foi possível realizar projetos de pesquisa juntamente com as professoras. Foi um trabalho tecido a várias mãos, por meio de muitas reuniões e discussões.

A primeira dificuldade está na própria definição do objeto de investigação. Qual era o desejo de cada professora ou gestora em relação às complexas problemáticas do coti-

diano escolar? O que focalizar? Qual recorte dessa realidade tentar compreender?

Superada essa primeira fase de definição do objeto de investigação, outro desafio estava posto: como elaborar um projeto de pesquisa? Como diferenciar objetivos pedagógicos de objetivos de pesquisa? Como elaborar os instrumentos para documentação da pesquisa?

Outra barreira a ser superada: a da escrita. Nos anos anteriores, já nos havíamos deparado com a dificuldade de escrita dos professores, principalmente para a elaboração dos relatórios anuais. Agora, para o projeto e o relatório de pesquisa, essa dificuldade parecia maior ainda. Foram muitas reuniões da equipe da universidade com as professoras. Foram várias escritas e reescritas dos textos.

Finalmente os trabalhos foram concluídos. Relatórios entregues e a decisão coletiva: publicar os trabalhos produzidos. Foi mais uma árdua tarefa: transformar os relatórios num capítulo de livro. Novamente, escritas e reescritas. O produto final aqui está. Esta coleção traz, portanto, o produto final de um trabalho de três anos. Nossa equipe ficou reduzida a dez pessoas: três professoras da USF e cinco professoras da escola, a vice-diretora e a coordenadora pedagógica. Cada uma de nós buscou apreender um recorte desse cotidiano escolar.

No último ano do projeto, também pudemos contar com a presença do Prof. Dr. Arthur Powell (Rutgers University/USA), que participou de reuniões com os alunos e com as professoras do projeto, na escola Eliete. Pelo seu envolvimento com a temática e, principalmente, com os alunos, ele contribuiu com o nosso trabalho, tendo, depois, produzido o prefácio da nossa coletânea.

Partimos do pressuposto de que a escola deva ser um *locus* de formação docente. Em nosso percurso, enfrentamos muitas dificuldades e até mesmo resistências por parte de alguns professores. No entanto, aqueles que participaram efetivamente do projeto, temos certeza de que saíram transformados do processo. Ficou a evidência de o quanto essas professoras passaram a ter um outro olhar para o cotidiano escolar, para as suas práticas e a de outros professores. Um elemento bastante destacado foi o “ouvir o aluno”. Como disse a professora Soraya em uma de nossas reuniões de avaliação do projeto: “Como a minha pesquisa era com os alunos, eu aprendi a ouvi-los. Eu era uma professora antes do projeto e agora sou outra depois do projeto. Hoje eu consigo ouvir mais os alunos”.

Mudanças ocorreram na escola? Não temos como saber, até porque a equipe é muito flutuante. A maioria dos professores que participaram em algum momento do projeto não faz mais parte do corpo docente da escola Eliete. Da equipe gestora, apenas Neide Angelon continua como diretora; Luceni continua atuando como coordenadora, mas em outra escola; das professoras, apenas as envolvidas com o projeto “Mais que esporte, educação...” – Luciana, Soraya e Juceli – continuam na escola.

Na prática da escrita evidenciou-se o quanto essas professoras conseguiram compreender a relação teoria-prática. A professora Neide, por exemplo, destacou em um de seus depoimentos: “Eu passei a entender melhor essa relação da teoria com a prática. Antes, eu só tinha a prática, a teoria... eu lia bastante, mas eu não conseguia aliar essa teoria com a prática. O projeto trouxe essa riqueza”. Nessa mesma perspectiva, a professora Soraya complementou:

Eu me apaixonei pelas leituras que fiz. Eu pensei muito em fazer, em continuar... Você vai se identificando com o que vai lendo. Você tem uma forma de trabalhar e vai se perguntando “será que só eu penso dessa forma?” Daí você vai encontrando os textos e vai se identificando. Ou ele escreveu pra mim [referindo-se aos textos de Charlot]. Eu lia os textos e muitas vezes não entendia o que lia... ia para as discussões e daí as coisas se esclareciam... as discussões eram muito ricas nesse sentido, de esclarecer aquilo que a gente não havia entendido.

No entanto, como diz a professora Luceni, isso só foi possível porque houve a necessidade da sistematização: “Eu só senti mesmo o que era o projeto no momento em que eu comecei a escrever”.

O ambiente de trabalho possibilitado pela realização desse projeto foi marcante como um espaço de discussão dessas professoras, o qual nem sempre existe no interior da escola. Como disse a professora Juceli:

O projeto foi a oportunidade de se unir a outras pessoas. São poucas as oportunidades que a gente tem de estar com pessoas que pensam da mesma forma. O grupo começou grande, foi diminuindo, cada um com seus compromissos e problemas particulares. Essa oportunidade de estar com pessoas que estão a fim de falar sobre a mesma coisa, que é totalmente diferente de uma reunião de HTPC, em que o professor é obrigado a estar ali, porque faz parte do horário dele e ele tem que falar alguma coisa, porque ele está lá e ainda assim a gente escuta coisas que eu não me conformo.

No entanto, muitas das reflexões produzidas pelas professoras e muitos de seus desejos de novas práticas são conflitantes com a cultura da escola. Por exemplo, o trabalho desenvolvido pela professora Luciana sobre o protagonismo

juvenil foi instigante, possibilitou a autonomia dos alunos, porém muitas das ações que eles querem realizar esbarram nas regras burocráticas da escola; os alunos não têm o crédito que precisariam ter no interior da escola. Como ela disse: “uma parte que é muito legal e que resume tudo o que a gente conversou aqui hoje. A escola tem que se perguntar se a sua proposta de educação em massa, Dayrell falando, homogeneizante, onde predomina a formação moral e não ética, se ainda está servindo isso”.

Para a equipe de formadoras/pesquisadoras, o desenvolvimento desse projeto trouxe contribuições para o campo tanto da prática quanto da pesquisa. Foi muito rico esse contato com a escola e com seus atores. Representou a possibilidade de aproximar-nos dessa realidade complexa, de conhecer quais os conflitos e as tensões que marcam o cotidiano de uma escola pública de periferia. Reforçou nossa hipótese inicial de que os professores precisam tornar-se protagonistas de suas práticas. É necessário dar voz e ouvir aqueles que vivem o cotidiano da escola. Ao procedermos assim, possibilitamos que essas professoras também dessem voz a seus alunos e os ouvissem.

Corroboramos nossa hipótese inicial de que o registro sistemático da prática é fundamental para o processo de análise e reflexão e da própria constituição da identidade profissional. Nesse movimento é que a formação docente pode ocorrer. Assim, consideramos ter atingido o objetivo central desta pesquisa, objetivo este retomado na introdução deste relatório: compreender as dinâmicas presentes no cotidiano da escola para o desenvolvimento de um processo de formação continuada que, como qualquer outro, vem sofrendo reconceitualizações diante das novas exigências do mundo contemporâneo, o que implica a transformação da

escola – que passa, em primeira instância, pela transformação de seus atores.

Embora reconheçamos os limites desta pesquisa, encerramos o trabalho com a certeza de que nós, professoras-pesquisadoras e formadoras-pesquisadoras, nos transformamos. Houve o despertar do gosto para a leitura, para a escrita, para o registro e a sistematização das práticas, para a troca e o compartilhamento.

Agradecemos aos colegas Maria Ângela Borges Salvadori, Carlos Eduardo Pizzolatto, Iara Andrea Álvares Fernandes e Denise Telles Leme Palmieri, que compartilharam conosco um ou dois anos da pesquisa.

Nossas vozes, nossas percepções e apreensões nesse processo estão aqui registradas, à disposição da comunidade, para que possam ser debatidas, refutadas, discordadas, concordadas, complementadas.

Referências bibliográficas

- CANÁRIO, Rui (2006). *A escola tem futuro? Das promessas às incertezas*. Porto Alegre: Artmed, p. 19.
- CHATIER, Roger (1990). *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel.
- FERNANDES, Iara A. A.; SALVADORI, Maria Ângela Borges e SILVA, Vivian B. (2009). “Representações de infância e juventude: fios entrelacados em narrativas de professores.” *Educação e Filosofia*, vol. 23, UFU/Impresso, pp. 165-184.
- NACARATO, Adair M.; FERNANDES, Iara A. A.; SALVADORI, Maria Ângela B.; GRANDO, Regina C. e SILVA,

Vivian B. (2008). "Pelos fios e tramas da memória: entretecendo narrativas de si, do outro, de todos nós." *Educação e Contemporaneidade*, Revista da FAEEBA, vol. 17, número 29 – jan/jun, pp. 175-184.

SALVADORI, Maria Ângela B. (2007). "Inspirações da memória e identidade docente." *Pro-Posições*, vol. 18, n.º 2(53), maio/ago, pp. 167-181.